

# NA ENCRUZILHADA DA CRISE GLOBAL: VELHOS CAMINHOS E NOVAS TRILHAS PARA A GEOGRAFIA NO BRASIL AO INÍCIO DO SÉCULO XXI<sup>1</sup>

Carlos Augusto de Figueiredo MONTEIRO<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

O grupo de Geografia de Presidente Prudente, pelo número simpático de colegas que aqui ensinam como por aquele dos alunos que daqui se encaminharam para a USP, nos meus cursos de Pós-graduação, constitui-se para mim num lugar especial. Uma eleição do coração, do sentimento, da amizade.

Agora, neste momento em que se iniciam as comemorações do 10º aniversário da instalação da Pós-graduação em Geografia, nesta próspera unidade da UNESP, o amável convite para vir até aqui, é por mim tomado também como movido mais pela amizade. Durante 40 anos de minha vida eu trabalhei como um aprendiz de geógrafo. Deixei a militância acadêmica, como Titular da USP (1987) há 12 anos, num afastamento voluntário e seletivo. Embora colaborasse ainda, por 3 anos, na Pós-graduação em Geografia em outras universidades brasileiras (UFSC e UFMG) eu recusei todo e qualquer convite para participar de comissões examinadoras da praxe acadêmica. Envolvido, a partir de 1976, com reuniões internacionais, produziu-se uma diminuição progressiva até o ponto de completa ausência dos eventos geográficos nacionais.

Apesar do rótulo de “inativo” que apõem aos aposentados, nunca deixei de trabalhar e produzir. O final dos anos 80, início dos 90, foi por mim dedicado a dois projetos: um acadêmico e um pessoal. No primeiro caso entreguei-me à missão de meditar sobre o que havia feito, como docente e pesquisador, e promover uma autocrítica sobre os projetos desenvolvidos sobretudo na missão de “orientador”. Num grande esforço de atualização procurei inteirar-me dos progressos da Ciência e sondar as novas possibilidades que se abrem ao melhor encaminhamento do que eu me propusera fazer. Este esforço desembocaria nas obras *CLIMA E EXCEPCIONALISMO* (1991), na coletânea de artigos inserida na *GEOSUL* nº 9 (1990) e no inédito *GEOSSISTEMA: A Estória de uma Procura* (1995). No segundo caso - movido por uma compulsão - dediquei-me a uma reflexão e pesquisa sobre minha terra natal - o Piauí - a evolução da minha família, ao longo de um século (1850 - 1950) procurando inserir-me no País e no Mundo em que vivi neste século XX. Isto deu lugar a duas obras: *Tempo de Balaio* (A Província do Piauí nos meados do Século XIX) e *Rua da Glória* - memorial em 4 volumes totalizando 1.520 páginas, ambas inéditas.

Adveio então um afastamento maior, para o outro lado do mundo, já que os anos de 1995 e 1996 foram passados no Japão, onde colaborei na Universidade de Tenri, Província de Nara, no curso de ESTUDOS BRASILEIROS. Além da atividade docente, tive ensejo de elaborar dois artigos, três textos básicos, dois ensaios, uma cronologia histórica da Amazônia Brasileira (1492 - 1992) acompanhada de memória explicativa e texto: *Introdução à História da Amazônia Brasileira* (71pp.). Retornei ao Brasil em

<sup>1</sup> Palestra proferida em comemoração aos dez anos do Programa de Pós-graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP.

<sup>2</sup> Professor Titular aposentado da FFLCH da USP.

28.03.1997. Acreditava-me esquecido pela comunidade geográfica. Para meu espanto passei a merecer uma série de “homenagens” (Rio Claro, 02.06.97 Salvador, 11.06.97 Curitiba, 13.10.97). Não sei até onde vai aí o meu mérito pessoal ou se não seria uma “reação” da Geografia Física à “Síndrome Milton Santos”, dos colegas da Geografia Humana. Fico muito confuso pois, no caso, seria Ab’Saber o merecedor mais legítimo. Alegro-me, contudo, preferir creditá-las à “amizade”. Nesta condição estou agora aqui entre vocês para iniciar as celebrações da Pós-graduação em Geografia tão proveitosamente conduzida nesta casa.

O que dizer nesta situação? Embora não esteja “inativo” meu afastamento das lides acadêmicas deixa-me na situação em que eu me permita - tão somente - estabelecer uma conversa entre amigos, no decorrer da qual eu não apresente certezas mas impressões, calcadas não em pesquisas mas em *conjecturas* que minha curiosidade sobre o mundo em que vivo e a minha devoção à Geografia têm me assegurado fazê-las.

Além daquelas reflexões finais sobre minha possível contribuição à Geografia do nosso país, em duas ocasiões eu ousei avaliar e refletir sobre a marcha da produção geográfica entre nós. O primeiro cometimento ocorreu naquela memorável assembléia geral da AGB realizada em julho de 1978 em Fortaleza, que resultou na publicação do ensaio: *A GEOGRAFIA NO BRASIL (1934 - 77) - Avaliações e Tendências*. O segundo ligou-se à comemoração do cinquentenário da Revista Brasileira de Geografia (1988) publicada pela Fundação IBGE que fez editar um número especial, no qual, no seu tomo 2, inclui-se a minha colaboração intitulada *TRAVESSIA DA CRISE (Tendências Atuais na Geografia)*. Agora percebo que há um intervalo de um decênio entre um e outro do mesmo modo que para este nosso encontro (1978 - 88 - 98). Se eu tivesse fôlego e condições de trabalho para proceder a um levantamento adequado da produção geográfica neste último decênio, poderia alcançar um panorama de 1934 até agora. Mas está fora de cogitação tal propósito. Não pretendo a responsabilidade de historiar a evolução do pensamento geográfico no Brasil ao longo do Século XX. Outros - alguns ou vários - cumprirão esta tarefa.

No presente encontro almejo apenas apresentar alguns pensamentos, algumas idéias, impressões, conjecturas, para *trocar* (como se fossem “figurinhas”) com os colegas.

Para tanto pretendo nortear a abordagem em quatro momentos. Como vestibular relembreira, rapidamente, as bases conceituais da Grande Crise Histórica que atravessamos para dela extrair as *peças-chave*, a partir das quais, as conjecturas sobre a nossa Geografia serão mais incisivas e pertinentes. O corpo principal será montado em três toques. O primeiro relembra os sopros “revolucionários” geradores de pretensas Novas Geografias e o legado que nos foi deixado por estas contribuições. O *segundo* procura sondar a produção recente, pelo que se poderá (ou não) comprovar as heranças ou marcas do passado recente ou vislumbrar as tendências para o futuro imediato. Finalmente, tentar discernir o que há de persistência (no permanente) de velhos caminhos retomados e o que desponta como “novo” (diferente de “novidade”). Esta estratégia explica o rótulo desta conversa. A crise generalizada e globalizada configura a *encruzilhada* (menos dramática que o “labirinto” que usei em 1988) na qual se poderiam identificar velhas sendas (caminhos bem definidos) e novas trilhas (picadas que se abrem) para a Geografia, capazes de levar a compreender este intrincado complexo planetário (Terra) e mundial (Homem).

## TEMPO DE MUDANÇAS NO ESPAÇO GLOBAL (A GRANDE CRISE HISTÓRICA E AS MUTAÇÕES GEOGRÁFICAS)

Retomando os cometimentos a que me atrevi no passado - naquele de Fortaleza 1978 - considero que se insuficientes, os fatos arrolados ali foram capazes de configurar modestas avaliações (subjetivas) e tendências (comprováveis ou não) deixando em aberto as interpretações sobre a trajetória da Geografia do Brasil (1934 - 1977). No segundo, onde as conjecturas sobre o caso brasileiro, embasadas em fatos ou dados concretos, é superada pela visão globalizante e de caráter epistemológico, o que aflora de mais importante é a configuração da grande crise. E, relendo-o hoje, dez anos após, eu não acrescentaria nem eliminaria uma linha. Muito do que ali fora apontado (1988) foi retomado e ampliado no *Clima e Excepcionalismo* (1991).

Ali eu enfatizara a necessidade de precisar a concepção de “MODERNIDADE” e a diferença entre “crises” habituais, períodos “revolucionários” em alternância a “normais” (Kuhn, 1962), ante a magnitude de uma grande CRISE HISTÓRICA.

Sempre é difícil, para todos os fenômenos evolutivos e dinâmicos, precisar na seta do tempo o ponto exato onde ocorre o cerne de uma mutação. Imersos na turbulência da sucessão cumulativa de eventos é difícil discernir e marcar o “ponto de mutação” (*turning point*). A virada dos anos sessenta para os setenta parece configurar-se como um segmento expressivo, balizado por 1968 - A Primavera de Paris, Simpósio da UNESCO sobre a questão ambiental, um prenúncio à Conferência de Estocolmo (1972), e a eclosão da crise dos combustíveis (1973). Mas, de qualquer modo, o momento de eclosão ocorre quando há sintomas iniciais que, quase imperceptivelmente, vêm sucedendo-se, acumulando-se, em todo um variado espectro de setores da cultura.

Em nosso caso, para embasar reflexões sobre a nossa Geografia, interessa aquilo que é culminante ou seja, o que está sediado na Ciência, na Filosofia. Neste particular vale a pena insistir na retenção de três elementos básicos, em franca mutação e que, malgrado não se possa ainda definir, conceituar com precisão em direção àquele NOVO, que não será uma efêmera “novidade”, mas algo capaz de servir de marco fundamental de entrada em uma “nova era”.

Insisto em que, para refletir sobre nossa Geografia - como para qualquer outro campo - precisamos considerar as reconstruções em direção a:

NOVA RAZÃO  
NOVO CONHECIMENTO  
NOVO HUMANISMO.

Desde o advento da Teoria dos Quanta, no início do século, que se evidenciou - com a revelação na intimidade do micro-físico - que as concepções advindas do macro-físico da mecânica celeste de Newton - marco inaugural da “modernidade” anterior, geradora da “Ciência Moderna” vigente até agora, mas em franco declínio - que há uma necessidade de revisão no “cogito” cartesiano. Uma das características fundamentais do turbulento agora da Crise Histórica, e que é insistentemente apontada, é a falta de *racionalidade* imperante, por manifestações declaradas de “irracionalismos” nos mais



diferentes setores da vida atual\*. Dentro dessa “barbarie” muita coisa que parece irracional talvez seja por que esteja ligada à razão emergente, ainda não aceita.

Esta nova concepção no “cogito” leva, forçosamente à elaboração de uma nova episteme, ou seja a uma outra renovada Teoria do Conhecimento que já se revela em direção a algo mais “conjuntivo”, numa espécie de reação à pulverização especializada, numa aproximação ao tronco básico da Filosofia.

E para que isto se realize é imprescindível um novo “acontecer no Homem”, (heideggeriano) por uma radical revisão, reformulação, mudança em sua escala de valores. E também uma aproximação mais conjuntiva, compatível com a imposição da globalização (econômica e das comunicações), entre ocidente e oriente, em direção a uma visão mais universal do Homem.

## O PASSADO PRÓXIMO NA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Se, nos acontecimentos mundiais, tomamos 1973 como ponto significativo nas mudanças, para o caso da Geografia no Brasil, talvez fosse possível apontar algo bem próximo, qual seja a Assembléia Geral da AGB em julho de 1978 em Fortaleza. Ali combinaram-se dois aspectos: um científico, no que respeitou às correntes inovadoras e conflitantes na própria investigação geográfica, como (talvez mais significativa) do ponto de vista sociológico, já que um grande conflito afetando a comunidade de geógrafos ali explodiu - velhos e novos, sócios “efetivos” minoritários e uma já considerável massa de jovens, inclusive estudantes universitários, exigindo mudanças “democratizantes” na associação. Ali mesclaram-se conflitos epistemológicos e ideológicos. Além do divórcio entre linhas de pensamento científico - teóricos - quantitativos versus historicistas marxistas; positivistas versus críticos; desenvolvimentismo versus “justiça social”.

A partir dali produziu-se uma mudança radical nas reuniões da AGB enquanto se multiplicaram os “fóruns” de debates. As mudanças na AGB já se vinham processando: reuniões bi-anuais; criação de congressos nacionais, eram evidências de profundas mudanças tanto em número de geógrafos quanto em estilo de trabalho. Aquelas reuniões amigáveis, ao mesmo tempo que de fortes debates, de pequeno grupo de participantes praticando trabalho de campo já era coisa do passado.

Abriram-se caminhos divergentes. De um lado aquele do quantitativo, patrocinado pelo IBGE (CONFEGE 1972), promotor do lançamento daquelas técnicas, vendo nelas um forte subsídio para a investigação estatística dirigidas a linha do desenvolvimentismo, agora encaminhado pela ideologia do regime militar. Uma aliança complementar dita “teórica”, encampada com ardor pelo grupo de Rio Claro, reforçava o fórum quantitativo. Uma veemente reação contrária aglutinou adeptos do pensamento marxista que ativaram uma “Geografia Crítica” - sintonizada àquela francesa do grupo “Antipode”. Enquanto Milton Santos apregoava a “Nova Geografia”, subsistiam, em muitas universidades, adeptos da “tradicional”, ultrapassada, Geografia de ranço lablachiano.

Mas talvez o conflito mais sério - se bem que pouco percebido - foi o divórcio crescente entre o Humano e o Físico na Geografia que se produzia no Brasil. Enquanto os

---

\* Veja-se, por exemplo, as idéias de Umberto ECO (1987) no seu discurso de abertura da Buchmesse de Frankfurt de 31.10.1987 e a do nosso diplomata filósofo Sérgio Paulo ROUANET em “*Mal-estar na Modernidade*” (1993).

fóruns abundavam em temática humana - econômica quantitativa ou crítico marxista, nos Departamentos de Geografia das Universidades as revisões curriculares ensejavam uma luta pela qual se queria diminuir cada vez mais os aspectos físicos-naturais em proveito do sócio econômico. A coisa evoluiu a tal ponto que a comunidade de Geografia Física acabou criando um Simpósio de Geografia Física “Aplicada”, cuja reunião inaugural ocorreu na primeira semana de dezembro de 1984, seguida (bi-anualmente) por aquela de Diamantina (1986).

O interessante a considerar é que, a eclosão da questão ambiental estava a solicitar - no final dos setenta, início de oitenta - a participação dos geógrafos nos estudos de qualidade ambiental. Enquanto os quantitativos concentravam-se preferencialmente nos temas econômicos, os “críticos”, muitos deles, consideravam que a preocupação com o “ambiente” era uma “cortina de fumaça” para desviar a atenção da questão social.

Concentrado em meu trabalho na USP, além dos meus programas pessoais - docente e de pesquisa - naquela época conflituosa eu tinha uma elevada carga de trabalho em orientação na Pós-graduação desde que, na área de concentração em Geografia Física, éramos muito poucos. Mesmo assim, tive ensejo de manifestar-me sobre estas questões. Em 1973 - ano seguinte a CONFEGE - prestei o meu depoimento sobre o que a “revolução” implicara na minha pesquisa em Climatologia (Monteiro, 1973). A questão ambiental foi por mim focalizada num ensaio publicado em 1981, ao final do qual eu expressava minha convicção de que:

*“Todos os nossos (brasileiros) atrasos nas questões social, política e ambiental devem ser fundidos em uma só perspectiva, pois que, cada uma delas, isoladamente, é uma dimensão das outras.”*

Sobre o cisma Físico - Humano tive o ensejo em opinar num artigo publicado na revista francesa *L'ESPACE GEOGRAPHIQUE*, nº3 (1989).

O mais curioso em toda esta celeuma é a constatação do atraso com que as idéias “revolucionárias” chegam até nós no Brasil. Se o marco fundamental para a revolução “teórica - quantitativa” foi o famoso artigo de Fred SCHAEFER - *Exceptionalism in Geography* - em 1953, e se considerarmos a Conferência sobre a Geografia - CONFEGE - patrocinada pelo IBGE em 1972 como o seu marco inicial entre nós - constata-se um segmento temporal de quase duas décadas. Mais curioso ainda é constatar-se que as recomendações daquele jovem geógrafo americano em prol do caráter científico da Geografia, foram feitas quando, no quadro geral da *Ciência*, já se vinha produzindo um forte abalo naquelas convicções.

Naquele então eu já desconfiava disto, mas só iria comprovar esta suposição quando, entrando na aposentadoria (1987), eu me dedicaria a um grande esforço de leitura no campo da Epistemologia e Filosofia da Ciência. O resultado deste esforço está registrado no meu trabalho *Clima e Excepcionalismo* (Monteiro, 1991). No capítulo IV - “*Na Imensa Desordem das Verdades (Uma outra Razão para um Novo Conhecimento)*” - procurei sintetizar tudo aquilo que pude perceber, num panorama desde Aristóteles até chegar às recentes conquistas da Ciência, cujos resultados evidenciam não só os grandes alcances teóricos como as imensas perspectivas novas que se abrem. Para mim tornou-se muito claro que se produziu um desmonte (desconstrução) da “razão” até então vigente e como este fato implica, necessariamente, no acompanhamento da emergência de novas concepções de “conhecimento” e necessidade de elaboração de um novo “humanismo”.

Infelizmente ainda não tive meios de sondar outros esforços, que certamente devem se ter produzido em outros colegas (em Christofolletti, com certeza) e até que ponto estas idéias - realmente "novas" - estão sendo assimiladas entre os nossos colegas geógrafos.

Se pretendo colocar o "passado recente" de nossa Geografia a partir de 1978, parece já ser tempo suficiente para promover uma "avaliação" das conseqüências ocorridas na Geografia que se produziu no Brasil, nestes exatos vinte anos.

A tarefa é não só importante quanto grandiosa. Eu não me atreveria a tanto. Isto requereria um levantamento minucioso e, acima de tudo, uma análise muitíssimo acurada e criteriosa. Não estou "inativo" mas - no limite de minhas forças atuais - não me atreveria a tanto. Mas o meu grande interesse na Geografia e, sobretudo, no destino futuro que ela terá entre nós, no Brasil, fazem com que eu me permita a aventurar algumas impressões e hipóteses a discutir, debater com os meus colegas. E nesta oportunidade, permito-me - em nome do respeito e amizade que dedico a vocês - formular alguns tópicos e levantar algumas questões que me parecem fundamentais a esta tarefa.

- a) Parece-me que o movimento "quantitativo" representou, do ponto de vista *técnico*, um alerta para o uso dos computadores. Se naqueles dias, estes eram "megatérios" de uso institucional hoje, com a proliferação de "micros" e "softwares" as possibilidades foram imensamente ampliadas. Mas do ponto de vista *teórico* o que ocorreu foi decepcionante. Não só por causa do descompasso já apontado mas, sobretudo, pelos resultados colhidos. E aqui vai uma pergunta. Realmente uma pergunta sobre a qual não sei a resposta: O que ficou de benéfico para a Geografia Urbana, daquelas abordagens do IBGE, saídas das análises de agrupamento e técnicas similares? Certamente benéficas elas foram para as preocupações estatísticas e censitárias da instituição. Mas do ponto de vista processual, genético, da urbanização, qual o aporte de enriquecimento teórico?
- b) O radicalismo da Geografia Crítica, principalmente no que se referia a subestimar a "questão" ambiental, a partir da queda do Muro de Berlim e colapso da ex-URSS teria terminado ou abrandado?

Constata-se que ferozes "radicais" daqueles dias tornaram-se fervorosos "ambientalistas" embora (e com razão) advogando a inclusão do social no próprio conceito de "ambiente".

- c) Quanto à questão da "Nova Geografia", somos levados à própria metodologia da Sociologia da Ciência. Eu, pessoalmente, cada vez mais discordo da interpretação de Kuhn (1962) sobre a dicotomia períodos normais - revolucionários. Isto pode ter validade estritamente dentro das comunidades de cientistas - sobretudo quando fechadas em torno de fortes lideranças (chefes de "escolas"). Prefiro acompanhar Feyerabend (1975), na sua bem fundamentada interpretação (anarquista ou "dadaísta") a favor do "*anything goes*" - ou seja a revolução permanente. Sobretudo a Geografia, eternamente mutante, num "mundo" cada vez mais em transformação.

## O CONFUSO PRESENTE

Durante os dois anos que passei no Japão, minha atividade junto ao Departamento de Estudos Brasileiros da Universidade de Tenri viu-se dividida com uma



ajuda no ensino da Língua Portuguesa do Brasil. Surpreendentemente o currículo do curso de Estudos Brasileiros, naquela universidade, não inclui disciplina de Geografia. Minha incumbência principal seria ministrar “Seminários” junto aos concludentes - alunos do 4º ano - sobre o tema: ESPAÇO, HISTÓRIA E SOCIEDADE BRASILEIRAS. Houve imensas dificuldades para esta realização. Primeiro porque o conhecimento de nossa língua, entre os alunos do 4º ano, era ainda muito primário. Em segundo, pela grande timidez dos alunos. Dentre as estratégias que lancei mão, incluiu-se a iniciativa de produzir textos básicos, ilustrados, sobre os três aspectos: ESPAÇO (uma visão panorâmica sobre a geografia do País); TEMPO (uma sinopse crítica sobre nossa evolução histórica); e GENTE (um encaminhamento mais direcionado ao tratamento de nossa multiétnicidade), para não colidir com os seminários de Sociologia.

O interesse dos alunos pela Amazônia levou-me a produzir uma **CRONOLOGIA HISTÓRICA DA AMAZÔNIA BRASILEIRA (1492-1992)** acompanhada de uma Memória Explicativa e de um volumoso (71p) texto: **INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA AMAZÔNIA BRASILEIRA.**

Estas atividades, com a ajuda de um razoável acervo bibliográfico, levaram-me a estudar e pensar muito no Brasil. E nos possíveis rumos de nossa Geografia. Preocupava-me saber quais seriam as diretrizes, linhas de pesquisa, que seriam tomadas com maior relevância para compor uma “agenda” para a investigação geográfica em nosso país no início do século que se avizinha.

Dentre outros possíveis, se me configuravam: a) uma revisão sobre a concepção de ESPAÇO, dentre as questões teóricas; b) uma retomada de importância à questão regional, induzida pela ineficiência política, pelas próprias desigualdades e a precária consistência do federativismo; c) e um direcionamento ao cultural, num vizez mais antropológico, isto como uma necessidade, após tantos anos de exacerbação no interesse pela economia. Já que chegamos à globalização pelas comunicações e mercado mundial, havia que produzir-se uma retomada em direção à manutenção da “identidade” dos países e regiões.

Os dois primeiros eram tendências já suficientemente esboçadas. O terceiro ponto surpreendeu-me, já que, durante minha ausência nascera a revista **ESPAÇO E CULTURA** ligada ao grupo da UERJ no Rio de Janeiro. Carl O. Sauer, que jamais conseguira adeptos entre nós, está sendo exumado, ao lado de Lowenthal, Pratt e outros geógrafos norte americanos.

Outra grande surpresa foi aquela de encontrar em Rio Claro a existência de Encontros Interdisciplinares sobre o Estudo da Paisagem, cujo 3º Encontro acaba de realizar-se entre 11 e 13 de maio. O autor refere-se a maio de 1998. O embrião da linha de “percepção” de Y FU TUAN, que ali encontrara guarida, aumentara em direção àquilo que se já vem rotulando de Geografia Humanística. Notei, com interesse, uma bela revisão dessa linha em artigo de Werther Holzer no nº 3 da revista **ESPAÇO E CULTURA.**

Um outro “revival” que me surpreendeu - e agradou muito - foi uma retomada, ou re-avaliação da obra de Josué de Castro no seu clássico *Geografia da Fome*. Minha caríssima amiga Maria Adelia de Sousa, na Semana do Meio Ambiente, outubro passado, na Bahia, falou-nos desse seu projeto em retomar a análise de Castro à luz dos dados atuais, muito mais numerosos e confiáveis do que aqueles que em sua época (anos 40) foi possível utilizar.

Quando ainda no Japão, recebera um convite para participar de um encontro sobre “Geografia e Literatura” a realizar-se no Recife em Outubro de 1996. Esta é uma

linha a que eu me interessei desde 1987, tendo tido o meu primeiro ensaio publicado pelo Instituto Joaquim Nabuco da capital pernambucana (Monteiro, 1988).

Esta preocupação vem comprovar aquele anseio por um Novo Humanismo apontado na minha introdução a esta fala.

Ao longo deste já decorrido um ano de retorno ao Brasil tenho procurado inteirar-me do que está acontecendo na comunidade geográfica. E até voltei a assistir (e até participar) de fóruns geográficos. Em outubro passado no evento da Geografia Física Aplicada em Curitiba percebi, com muita satisfação, que os colegas da área de Geomorfologia, graças à preocupação atual com os temas ambientais, estão encaminhando suas pesquisas - tão verticalmente aprofundadas setorialmente - para conexões com o humano e sócio-econômico.

Tenho procurado adquirir ou consultar revistas e publicações geográficas para sondar tendências e perseguir as permanências (velhos caminhos) e as tendências (novas trilhas) mas a tarefa revelou-se-me muito difícil. Como é próprio dos momentos convulsos, há uma variedade enorme e uma falta de nitidez nessas orientações.

Parece que há atualmente maiores recursos (técnicos) para ampliar a edição de revistas de Geografia, encontradas mesmo como produção de estudantes - mesmo ao nível de Graduação. Veja-se a revista PAISAGEM dos alunos da USP.

Aqui o velho aprendiz de geógrafo, que sou eu, teria mais que *perguntar*. No meio desta encruzilhada (já me referi anteriormente a um "labirinto": (Monteiro, 1988)). No meio deste turbilhão encontro coisas "tradicionais". Encontro ainda o entusiasmo pelo econômico (dois estudos sobre multinacionais, suas projeções no mundo e suas atuações no Brasil). Mas para ajuizar melhor seria necessário um levantamento bem completo (o mais possível) para proceder a uma avaliação.

Outra vista d'olhos que me foi possível dar foi a produção geográfica de dissertações de Mestrados e Doutorados na USP - no ano de 1997 e estes meses de 98. Aqui - por se tratar do meu próprio lugar, a quem dediquei 20 anos de minha carreira, constatei alguns fatos significativos. Os trabalhos nas áreas de Geografia Física e Geografia Humana são equivalentes. Naqueles de Geografia Física predominam os temas de Climatologia, notadamente em Climas Urbanos.

Este fato leva-me a uma reflexão pessoal pelo que posso ver nela refletida. Nisso vejo menos o mérito pessoal de minha contribuição deixada na pesquisa naquele campo, interpretando-o mais pelo aumento de orientadores naquela linha de pesquisa. Agora, encontram-se pelo menos três colegas: Tarifa, Conti e Titarelli trabalhando na investigação climatológica. Quanto à minha possível contribuição, constato alguns fatos que me assustam ou me surpreendem. De um lado percebo que há uma nítida manutenção de moldes por mim utilizados há mais de um quarto de século. Naquela época os temas e sobretudo as estratégias metodológicas eram função direta das disponibilidades de dados de informação meteorológica em mensuração e em imagens (satélites). Não haveria meios, na atualidade, de avançar mais naquelas estratégias ? Não haveria dados e recursos mais eficientes, condicionadores de novos tratamentos e avanços ?

Por outro lado, constato que minha contribuição à abordagem dos climas urbanos - onde minha contribuição teórica, lançada em 1975, numa proposta não decalcada em obras dos centros mais adiantados - tenha demorado tanto tempo a encontrar adeptos. E estes, parecem-me, surgiram primeiro entre arquitetos e só agora entre geógrafos. Apenas de 1994 para cá, apareceram valiosos estudo (Gonçalves, 1992; Mendonça, 1994; Brandão, 1996) que utilizaram declarada, expressa e até laudatoriamente, a minha proposta teórica.



Isto, de nenhum modo significa que eu esteja na categoria dos geógrafos brasileiros, pioneiros em elucubrações teórico-metodológicas. Isto poderia valer para a Climatologia porquanto a contribuição de Milton Santos, na área de Geografia Humana, tem projeção internacional.

## TENDÊNCIAS PARA O FUTURO

Sem pretender ser futurólogo, sobretudo a partir de um momento tão confuso quanto o presente, poderia dar minhas impressões sobre o que seria a agenda para nossa Geografia (a fazer-se no Brasil) no início do novo século. Seria qualquer coisa entre o que já desponta como realidade, o que será possível de fazer-se, face às necessidades do país, sem esquecer aquilo que “eu” gostaria que acontecesse.

Nessa última parte, avulta a necessidade absoluta de superar a indisfarçável crise de auto - estima que afeta nossos geógrafos. Parece normal que, no turbilhão da Crise Histórica, qualquer cientista, ou melhor dizendo, “intelectual”, sinta-se preocupado e mesmo um tanto confuso. Contudo, é profundamente lamentável que geógrafos brasileiros ainda se dêem ao trabalho de inquirir sobre *o que é a Geografia*, qual o seu *objeto* e para que serve. Há exatos 50 anos que ouço esta insistente e interminável questão. Já é mais que tempo de saber estas respostas e de que, aqueles que não atinam com elas, mudar de campo. Diante da grande crise, e dos problemas que se levantam no presente, estou convicto de que, antes de nos defrontarmos com um muro de limitações, ao contrário, abre-se um imenso horizonte de possibilidades. E isto, ao mesmo tempo na pesquisa e sua aplicação como no campo da educação. No primeiro caso seremos favorecidos pela necessidade crescente da prática interdisciplinar que irá implicar na superação do ranço corporativista que teima em vigorar e que a sociedade do século XXI irá eliminar. E isto será consequência lógica do novo conhecimento, necessariamente conjuntivo. No segundo caso é preciso eliminar a crença absurda de que o fastígio das comunicações, sobretudo as visuais, venham a “dispensar” a disciplina geográfica nos níveis primário e médio. O problema é exatamente o contrário: saber mobilizar estes preciosos recursos e incorporá-los à prática de ensino. O Mundo incessantemente mutante e a Terra, cada vez mais derivada pela ação humana, necessitam da Geografia, veículo de Educação.

Dentro dessa perspectiva otimista eu antevejo três grandes blocos, pelos quais se poderá conjecturar sobre os destinos da Geografia a ser feita no Brasil. Entre aqueles dos velhos caminhos e das novas trilhas haverá aquela viga mestra dos valores básicos, decorrentes da comunhão universal e das especificidades nacionais. Para acompanhar esta exposição veja-se o esquema anexo.

Para o Brasil - como para qualquer país do mundo - a diretriz mestra compõe-se, simultaneamente, de vetores de comunhão, integração internacional e aqueles de auto - afirmação nacional. Na primeira linha avulta o patrimônio cultural da herança que a Geografia acumulou ao longo de uma trajetória, que se confunde com a história do Homem na face da Terra. Mas, sobretudo, daquela herança decorrente de sua instituição como Ciência, junto com as ciências naturais, no Século das Luzes (XVIII). Se a cada conquista técnica - que se imagina serem cada vez mais frequentes - renunciarmos às contribuições teóricas do passado, não conseguiremos afirmação científica. O problema é aquele de discernir, no acervo de herança, os valores teóricos filosóficos relevantes que vêm construindo a viga mestra do pensamento geográfico. Não há por que esquecer as contribuições de Kant, Humboldt, Ritter, Ratzel, Vidal de La Blache etc. Como também a

de sucessores, ao longo do século passado e deste que finda, cujo valor de seus aportes, em meio a um número maior, está emergindo. A contribuição dos "clássicos" será sempre o ponto de partida para os novos avanços.

Do ponto de vista interno, nacional, por mais que os anéis da dependência econômica nos angustiem vinculando-nos ao "mercado" e aos mutantes arranjos do poder mundial, nosso pensamento geográfico não pode escapar de dois vetores básicos, que dão a base de nossa individualidade.

De um lado há o poderoso vetor natural (e permanente) de nossa "tropicalidade". Em dimensões continentais, na América do Sul, atravessado por Equador e Trópico de Capricórnio, não podemos esquecer de nossa condição essencial que é a de sermos "tropicais". Uma condição da qual parece que não queremos nos dar conta, pois que reagimos a "assumi-la". Novos setores de investigação geomorfológica, climatológica, fitogeográfica têm o compromisso de "revelar" o mundo tropical, em vez de ficarmos, passivamente, à espera de que os geógrafos das regiões temperadas - econômica e politicamente hegemônicas - venham continuar a fazê-lo pelo futuro a fora.

Do outro lado há aquele outro vetor, que se espera seja temporário, advindo de nossa posição desfavoravelmente dependente no quadro político econômico, dito do "terceiro mundo". Esta desconfortável posição fará com que na Geografia feita no Brasil - como nos países da América Latina em geral - haja lugar para a persistente "crítica" em prol da Justiça Social. Malgrado os incontáveis matizes ideológicos de que se reverterem hoje ou venham a se reverter no futuro próximo, esta será uma linha de investigação ligada a uma ainda que indesejada "permanência".

Ao lado dessa coluna mestra (à esquerda no esquema) haverá aquela do ANTIGO, ou seja, aquele das velhas sendas já percorridas ou descobertas com atraso em nossa Geografia. Dentre este bloco há que distinguir aquilo que está ligado à "inércia" (no sentido físico) representado por aquele viés da Sociologia da Ciência que dá margem à configuração de períodos "normais". Aquelas multivariadas linhas de pesquisa que, lideradas por alguns chefes de "escolas", produtoras de resultados tidos como satisfatórios. Neste aspecto há o perigo de estagnação metodológica desde que as estratégias de abordagem, sempre repetidas, se venham a cristalizar em vez de receber novos fluxos inovadores. Isto seria aquilo que Kuhn caracterizou como a insatisfação com um *paradigma* que, ao ser substituído por outro, gera um novo período *revolucionário* que perturba o curso normal. Como adepto da concepção da "revolução permanente" vocês podem, neste caso, entender a minha preocupação pessoal em produzir o CLIMA E EXCEPCIONALISMO, como uma séria advertência aos meus possíveis seguidores para não virem a "fossilizar" uma "escola" na climatologia feita no Brasil. E penso ter deixado claras as amplas possibilidades em melhorar, aprimorar e avançar aquilo que - nas circunstâncias em que desenvolvi a minha contribuição - pude realizar. E gostaria, acima de tudo, que aquilo que produzi venha a ser ultrapassado. Que haja progresso e não estagnação.

Ainda no bloco das velhas sendas, podemos registrar "retomadas", reminiscência de antigas temáticas. Algumas delas, que proliferaram até com destaque em centros hegemônicos do saber e não tiveram ressonância por cá e agora, passam a interessar. É o caso flagrante do "revival" da Geografia Cultural que - na proposta de Carl O. Sauer teve grande desenvolvimento na América do Norte, sem ter nenhuma repercussão

---

\* Notem-se os urgentes esforços do antropólogo sociólogo GILBERTO FREYRE criando o famoso Seminário de TROPICOLOGIA no Instituto Joaquim Nabuco, do Recife.

aqui. E agora - filiada à grande corrente em direção ao Novo Humanismo - está sendo adotada, segundo demonstra o grupo da revista "ESPAÇO E CULTURA".

### Um Roteiro para Nortear a Agenda da Geografia no Brasil no Início do Século XXI



C. A. DE FIGUEIREDO MONTEIRO  
JUNHO DE 1998



Às vezes a temática antiga é retomada dentro do próprio país como é o caso apontado do “revival” de Geografia da Fome, do nosso Josué de Castro que teve grande repercussão no exterior, mas foi entre nós abandonada.

Em ambos os casos, mas sobretudo no segundo, a retomada não significa simples continuação, já que, sob novas circunstâncias, a adoção dessa linha de investigação passa por reavaliações críticas e pode beneficiar-se de novo tipo de informação. Deste modo não se fecha o ciclo numa palíndromia de “eterno retorno”, já que a volta não incidirá no ponto exato em que foi tomado. Não é um círculo que se fecha mas que se coloca acima, na espiral ascendente. Assim sendo, este fluxo poderá adquirir novos caracteres e incluir-se também no bloco “novo”, já que o velho caminho foi consideravelmente melhorado.

O bloco do NOVO (a direita do esquema), além da reminiscência melhorada, apresentará trilhas verdadeiramente novas a serem trilhadas. Em primeiro lugar como consequência da incessante e permanente mudança que se produz no mundo. Novos tempos, novas propostas que variam consideravelmente no espaço segundo as características continentais, regionais e sobretudo, das condições e diferenças de desenvolvimento econômico.

Mas, além do novo advindo da temática, o progresso tecnológico desenvolvendo novas técnicas de análise científica proporciona o surgimento de novas trilhas na investigação geográfica. Será preciso notar a diferença que estas circunstâncias podem gerar a “novidade”, ou seja, aquilo que entusiasma superficialmente e que tem curta duração. Talvez a “revolução” quantitativa, entre nós, mereça esta qualificação. Note-se também o caso de que, jovens geomorfólogos brasileiros, trabalhando agora com o recurso de poderosas imagens de sensoriamento remoto, sejam levados a pensar que estão demolindo o conhecimento adquirido e acumulado preteritamente quando as condições de investigação eram bem precárias. Confunde-se muitas vezes o “novo” a partir de uma explicação e compreensão bem mais válida com a “novidade” advinda apenas de uma maior facilidade de observação. Assim, por exemplo, os escudos Guianense e Brasileiro, à medida que se aprimorem as técnicas de observação poderão ser *subdivididos*, cada vez mais com acuidade. E isto parece estar encantando a nova geração de geomorfólogos. Estas “novidades” descritivas contudo não invalidam as interpretações processuais tais como as “circundesnudações periféricas” (Ab’Saber) ocorridas entre aqueles escudos e os bordos de bacias sedimentares que sobre eles repousavam.

É preciso lembrar também que o velho revivificado e enriquecido sob novas perspectivas de enfoque são denotações preciosas daqueles valores geográficos que apontam a validade das permanências.

Mas as conjecturas não se devem limitar a estes condicionamentos temáticos que caracterizam aquele O QUE será pertinente à nossa Geografia. Há também que considerar O COMO isto deve ser feito. Gostaria, assim, de lembrar que - segundo se nota no esquema - o complemento indispensável destes progressos devem, necessariamente, ser acompanhados pelo aprimoramento da *forma de comunicação*, o que nos leva ao DISCURSO e à ILUSTRAÇÃO - DOCUMENTAÇÃO. A descrição geográfica - à medida que se aperfeiçoam os meios de análise e as condicionantes de interpretação - não deve ser destituída de uma forma lingüística clara e, se possível, agradável. Sobretudo quando se chegou ao ponto de se considerar que a linguagem matemática é *meio de aprimoramento* e que já se admite a coexistência harmônica de “modelos” e “metáforas”. Do lado da ilustração, documentação - aprimoradores da comunicação visual auxiliar do texto -

seremos beneficiados pelos enormes progressos nas técnicas cartográficas. A aliança entre Geografia e Cartografia continua firme e indissolúvel.

Tudo isto, respeitando conteúdo e forma, deverá projetar-se em direção a um horizonte *filosófico*, tanto mais necessário à Geografia porquanto, além de ser uma vinculação que perpassa por toda a sua evolução, estaremos contribuindo à construção dos novos pilares da Razão, Conhecimento e Humanismo.

## Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, Ana Maria P. M. *O clima urbano da cidade do Rio de Janeiro*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. Contribuições aos procedimentos analíticos, às mudanças e à modelagem em climatologia. *GEOGRAFIA*, Rio Claro, V. 18, n. 1, p.187 - 95, abr. 1993.
- Contra o método: esboço de uma teoria anarquista da teoria do conhecimento. Trad. Octanny S. da Motta. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- ECO, Humberto. "Irracionalismo ontem e hoje" Discurso proferido a 06.10.1987 na Abertura da Feira de Frankfurt. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31 out. 1987. Ilustrada, p. A 36 - 7.
- FEYERABEND, Paul. *Against method: outline of an anarchistic theory of Knowledge*. London, NLB, 1975.
- GONÇALVES, Neyde Maria dos Santos. *Impactos pluviiais e desorganização do espaço em Salvador, Bahia*. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.
- KUHN, Thomas S. The structure of scientific revolutions. In: INTERNATIONAL ENCYCLOPAEDIA of UNIFIED SCIENCES. Chicago: The University of Chicago, 1962. V. 2.
- MENDONÇA, Francisco . *O clima e o planejamento urbano de cidades de porte médio e pequeno: proposição metodológica para estudo e sua aplicação à cidade de Londrina, PR*. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *A climatologia do Brasil ante a renovação atual da geografia: um depoimento*. São Paulo: IG/USP, 1973. (Métodos em Questão, n. 6) .
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Teoria e clima urbano*. São Paulo: IG/USP, 1976. (Série Teses e Monografias, n. 25).
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *A geografia no Brasil (1934 - 1977): avaliações e tendências*. São Paulo: IG/USP, 1980. (Série Teses e Monografias, n. 37)
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *A questão ambiental no Brasil (1960 - 1980)*. São Paulo: IG/USP, 1981. (Série Teses e Monografias, n. 42).
- MANTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *O Conteúdo geográfico nos espaços romanescos*. *Ciência & Trópico*, Recife, v.16, n.2, p. 172 - 205, jul/dez. 1988.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Travessia da crise: tendências atuais na geografia*. *Revista de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p.127 - 50, 1988.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Les orientations actuelles de la géographie physique au Brésil*. *L'Espace Géographique*, Paris, n.3, p. 204 - 8, 1989.

- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Coletânea de artigos e entrevistas*. GEOSUL, Florianópolis, v.5, n.9, 1990.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Clima e excepcionalismo: Conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico*. Florianópolis: UFSC, 1991.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Geossistemas: a estória de uma procura*. (Edição Piloto do autor).
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Rua da glória: crônica de uma família de classe média do Piauí ao longo de quatro gerações (1850 - 1950)*. (Edição Piloto do Autor).
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *Tempo de balaio - uma sinopse da evolução histórica do Piauí a partir da situação vigente no meado do século XIX, após a consumação da Guerra dos Balaio, quando da mudança da capital*. (Edição Piloto do Autor).
- ROUANET, Sérgio Paulo. *MAL-ESTAR NA MODERNIDADE* (Ensaio). 422 pp. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.